

Uma criança pode ocupar a borda? "MEU DEUS, O QUE VEM POR AÍ NÉ?":

os efeitos
do encontro entre infância e
sexualidade

Hugo Higino Perez de Andrade
William Siqueira Peres
Leonardo Lemos de Souza

Como citar: ANDRADE, HUGO Higino Perez de; PERES, William Siqueira; SOUZA, Leonardo Lemos de. Uma criança pode ocupar a borda? "MEU DEUS, O QUE VEM POR AÍ NÉ?: os efeitos do encontro entre infância e sexualidade. *In:* ANDRADE, HUGO Higino Perez de; PERES, William Siqueira; SOUZA, Leonardo Lemos de; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.). **Gênero, Cidadania e Educação**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p.109-134. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-365-6.p109-134>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

UMA CRIANÇA PODE OCUPAR A BORDA? “MEU DEUS, O QUE VEM POR AÍ NÉ?”: OS EFEITOS DO ENCONTRO ENTRE INFÂNCIA E SEXUALIDADE

Hugo Higino Perez de Andrade

William Siqueira Peres

Leonardo Lemos de Souza

INTRODUÇÃO

Em dias em que as novas epistemes denunciam o fracasso do modo de produção de saberes modernos, pessoas como Rosi Braidotti, Judith Butler, Donna Haraway, Paul B. Preciado compõem junto às outras pessoas que produzem saberes em outras regiões como: Avtar Brah (*“Diferença, diversidade e diferenciação e Hybridity and its discontents: Politics, science, culture”*) e Erica Burman (*“Deconstructing developmental psychology”*), no contexto inglês; Glória Anzaldúa (*“Falando em línguas:*

uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” e “*La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciência*”) e Rosario Castellanos (“*Sobre cultura feminina*” e “*Oficio de tinieblas*”), no contexto latino-americano; Wiliam Peres (“*Psicologia e Políticas Queer*”), Leonardo Lemos e Raquel Salgado (“*Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência*”), no Brasil; parte de uma grande “*multidão queer*”, que tem se proposto a pensar alternativas de produção de saberes localizados e parciais (HARAWAY, 1995), implicados com o que se produz, como se produz, e a quem se destina essa produção, que levem em consideração toda a complexidade de processos de subjetivação que compõe a “*feitura*” dos diversos sujeitos que emergem na atualidade (PERES, 2013).

O movimento científico feminista, transcontemporâneo¹, questionador da hegemonia do conhecimento moderno, heterossexista, capitalista colonial, baseada em modelos universais, estáveis e lineares, tem avançado ao trazer para o debate questões até então invisibilizadas sobre os novos sujeitos, os quais são ora delegados à abjeção, ora delegados ao diagnóstico (SALGADO; SOUZA, 2018). O imperativo para novas formas de produzir conhecimento que acompanhe as demandas dos novos sujeitos transcontemporâneos, os quais são múltiplos, em suas pluralidades constitutivas, dissidentes da norma de diferença sexo/gênero, impulsiona um movimento na ciência: o compromisso com a produção ética-estética-política, para romper com os modos hegemônicos dar inteligibilidade aos corpos (PERES, 2013).

É inegável que os avanços, conquistados pela virada epistemológica, foram produzidos por um movimento de ideias das quais estas pessoas acionam suas produções em favor e em consonância. Todavia, nos aproximamos de Fúlvia Rosemberg (1996), em suas reflexões acerca do apagamento da infância nos contextos de produções feministas, e ousamos acrescentar nesse contexto os estudos críticos sobre a mulher, os estudos *queer* sobre os “*estranhos*”, sobre a família, sociedade e participação política. Nos parece, que a infância, mesmo nesse contexto de estudos feministas,

¹ Assumiremos aqui como contexto transcontemporâneo, o que Braidotti (2000), anuncia como a ruína dos modelos modernos de organização do capitalismo, tecendo um cenário transnacional, favorável para a emergência de novos saberes que transitam entre fronteiras e territórios, num processo de borramento de fronteiras, propondo um contexto de múltiplas complexidades.

queer ou com propostas decoloniais mais recentes, comumente é localizada a partir de uma lacuna. Há um apagamento epistêmico em relação a infância e seu potencial criativo presente na sua condição de sujeito.

Nesse sentido, tomando como ponto de partida as problematizações trazidas por Rosi Braidotti (2000) a respeito da falência do modelo moderno de sujeito, e, resgatando algumas das discussões realizadas no livro *“Psicologia e crítica-feminista: do percurso teórico-metodológico à prática”* (ANDRADE, 2020b), desejamos aqui pensar a infância enquanto um dispositivo (MORUZZI, 2017), o qual em encontro com o dispositivo sexualidade (FOUCAULT, 2006), produz efeitos e agencia subjetividades, no momento em que a fronteira que demarca a diferença entre infância e adultez é borrada pela sexualidade infantil manifestada pela curiosidade e a vontade de saber da criança.

Para compor o “mapa”², deste trabalho, utilizaremos como fonte a memória e a narrativa como elementos constitutivos tanto das subjetividades, quanto das realidades vividas. O processo inicia-se com uma memória pessoal de um dos autores deste texto. Percorre os encontros com uma das pessoas que vivenciou a cena lembrada. Existe um diálogo sobre o acontecimento. Peço que a pessoa conte a história em um áudio enviado via aplicativo de celular. Esse episódio torna-se uma narrativa: a pessoa com a qual partilho a memória, narra com detalhes a cena vivida. Após a transcrição, mediante o acompanhamento dos processos, tem-se como proposta analisar os agenciamentos produzidos nesse acontecimento.

Considerando que o pessoal é político, uma vez que a memória carrega em sua constituição uma multiplicidade de agenciamentos coletivos, esse relato expressa situações que abordam coletivos, estando associado a experiências vividas por muitas pessoas.

² Inspirados aqui no processo cartográfico, a partir aproximações entre esquizoanálise e os estudos *queer* (PERES, 2013). Como metodologia consideramos o estudo um mapa cartográfico sobre os agenciamentos produzidos pelo encontro entre os dispositivos infância e sexualidade, a partir da análise de um acontecimento narrado.

MEMÓRIAS, AFETOS, ENCONTROS E A PRODUÇÃO DE SABERES

O processo de produção deste texto foi atravessado por diversos acontecimentos histórico-geográficos, com efeitos subjetivos contínuos de se fazer sujeito em meio ao devir (ZOURABICHVILI, 2004). Como ilustração desses acontecimentos situados³ *“eu estava morando no Estado de Minas Gerais. Tinha uma rotina organizada de estudos, cuidados físicos e psicológicos. Em meio a pandemia as condições de estudo e trabalho remoto me proporcionaram um ambiente tranquilo. Um território afetivo no qual eu podia pertencer;*

No final do mês de abril de 2021, minha mãe testou positivo para COVID-19. Aparentemente, segundo o que ela me disse, estava bem. Ao se passar três dias, minha mãe se encontrava em estado grave no hospital em Mato Grosso. Devido às necessidades, me pediram para voltar para o Mato Grosso para que acompanhasse a sua internação.

O primeiro sentimento que vivi foi a dúvida: “terei eu que regressar às minhas origens?”. Esse sentimento de desterritorialização (ZOURABICHVILI, 2004) causada pelo adoecimento de minha mãe me levou a um estado de angústia profunda. Mediante as circunstâncias, decidi retornar para cuidar dela. Mas certo de que seria algo temporário. Ao chegar em Cuiabá minha mãe havia sido entubada. No decorrer de quinze dias ela veio a óbito. O período em que estive acompanhando minha mãe da Unidade de Tratamento Intensivo, tomado pela angústia e o medo do luto, germes deste texto surgiram como refúgio, ou ao menos uma possibilidade de escape da situação de sofrimento”.

De modo analítico acreditamos que o processo de luto, num misto de tristeza pela perda de um ente querido e a revolta com o cenário político brasileiro diante do enfrentamento da pandemia da Covid, que poderia ter evitado essa morte e de outras tantas pessoas, acreditamos que possam se abrirem outras vias de percepção e de experimentação da realidade. Como consequência do vivido, *“por medidas de segurança, e para dar apoio aos meus familiares decidi me mudar para o interior do Mato Grosso. Nesse*

³ No decorrer do texto, os trechos destacados em itálico, são relatos autobiográficos de um dos autores. Optamos por destacar como forma de demarcar o quanto o “pessoal” é ético-estético-político.

processo, muita coisa mudou, aliás tudo mudou, não só geograficamente, mas histórica e subjetivamente. Já não sou o mesmo que iniciou esse projeto textual.

A vivência do luto muitas vezes nos leva a recordações das trajetórias existenciais, e desta forma, em um dia, realizando os afazeres da casa, me lembrei de uma história que sempre me contavam: o dia em que eu perguntei como eu havia entrado na barriga da minha mãe. Esse episódio aconteceu há mais de trinta anos, e eu não tenho memórias nítidas do episódio. Decidi me debruçar no território das memórias como fonte de novas formas de construir saberes e problematizar a realidade”.

A falha da memória pode ser resgatada através de diversos recursos, através de fotografias, vídeos, odores e sabores, mas também de relatos de outras pessoas que poderiam estar presentes nos momentos vividos, e desta forma, “*entrei em contato com uma prima, que havia protagonizado o acontecimento juntamente comigo. Depois de uma conversa, em que ela me contou o acontecido, pedi para que ela me mandasse um áudio, contando a história com o máximo de detalhes possível. Ela se dispôs a participar, e junto ao áudio narrando o episódio, da sua autorização para utilizar os dados para fins acadêmicos*”. Sendo assim, como disparador inicial neste texto, recorreremos a essa ajuda através da memória, advinda do diálogo da prima com um dos autores do artigo aqui proposto.

Mas o que pode uma memória? Qual é o conteúdo que constitui uma memória? O evento, após revisitado pela memória se atualiza? Como funcionar o processo de narrar uma memória? Pode uma memória ser considerada um “dado” científico para análises?

Maurice Halbwachs, inaugura uma nova abordagem se tratando da memória, a partir de sua primeira obra “*Les Cadres Sociaux de la Mémoire*” (HALBWACHS, 1994) lançada em 1994. Para o autor, as memórias sempre são constituídas de maneira coletiva, estando ela vinculada de uma determinada sociedade e contexto histórico. Halbwachs (2006) opera uma espécie de inversão da lógica binarista ao assumir a memória como fato social, demonstrando a importância do processo de lembrança ser coletivo, e da sua degradação ao ser afastada do grupo social ao qual a lembrança está interconectada.

Nesse sentido, Halbwachs (2006) constrói seu argumento a partir do fato que a memória inicial de determinado fato, destaca-se de outras memórias, o que produziria uma espécie de “rizoma de lembranças”⁴, que intercruza, conecta, corta, flui num constante fluxo de construção subjetiva. Poderíamos dizer que a memória se constitui em cada sujeito de maneira aleatória, com combinações imprevisíveis entre as lembranças vividas em cada contexto sociocultural específico de cada grupo com os quais partilhou experiências.

A memória assume então a condição ativa de agenciar subjetividades. Para o autor, a memória é em sua constituição uma corrente contínua de pensamento vivo, que carrega marcas do passado que ainda é vivo, ou possível de viver através da coletividade, sendo sempre múltipla, diversa e plural, tendo em vista a existência de incontáveis memórias coletivas, já que cada grupo social tem sua história singular, diferente e contextualizada (HALBWACHS, 2006).

Desde um lugar próximo, Ecléa Bosi (2003), assume o pressuposto de que a memória cumpre uma função de elo entre diferentes tempos, fornecendo elementos para constituição da identidade, a qual se alimenta por meio dos vínculos estabelecidos com o passado. Aparentemente, por meio de uma leitura mais rápida, pode parecer que a memória ocupa na obra de Bosi um lugar sedentário, ou estanque. Contudo, é preciso compreender a memória não apenas como o registro de eventos passados, mas como a própria vida, a qual é carregada de grupos vivos, em permanente transformação, vulnerável para ser usada, que pode ser esquecida, mas também revitalizada. Pode-se dizer que a memória é sempre atual, uma vez que é ela quem constitui o elo entre o passado vivido no eterno presente (BOSI, 2003).

Dentro de uma perspectiva parecida, Braidotti (2000), ao propor uma nova ontologia para o sujeito “transcontemporâneo” a partir do nomadismo, evidencia a possibilidade de transitar em lugares sem “sair do lugar”. Numa espécie de pensamento nômade que viaja entre os registros históricos daquilo que já não é mais o presente vivo. Acreditamos que em

⁴ Essa aproximação se faz oportuna, uma vez que assumimos neste texto a condição da realidade a partir dos estudos da esquizoanálise.

diálogo com a proposta de Bosi (2003), encontraremos sustentação teórica para assumirmos neste trabalho a memória e a narrativa da memória como elemento substancial no processo de construção de novos saberes.

UMA HISTÓRIA LEMBRADA

“Em tempos pandêmicos ter plena consciência da data e dia da semana é uma habilidade considerada super-humana. Lembro-me de estar aguardando as plantas, e de ouvir uma música da Vanessa da Mata chamada “Debaixo da saia dela”⁵. Essa música conta sobre um encontro entra a cantora, um menino e uma mulher. Desse encontro surge uma dúvida no menino: “o que é que ela leva debaixo da saia com tanto cuidado?”. Essa pergunta desencadeia uma série de acontecimentos, envolvendo temas como: familismo, educação sexual, sexualidade infantil entre outros.

Ao ouvir essa música, me recordei de algo parecido. Alguém mais velho sempre que oportuno relembrava a história: “quando você perguntou como entrou na barriga da sua mãe”. Apesar de ter protagonizado a cena, o que tenho são memórias de pessoas contando a história. Mas sabia que desse acontecimento, poderiam ser retiradas algumas análises e contribuições para discutir temas como infância e sexualidade, e a relação que se estabelece com os adultos quando esses dispositivos se encontram no cotidiano da vida.

Na época quem protagonizou a cena comigo, foi uma prima, uma adolescente cursando o primeiro ano do ensino médio do magistério. Após conversar com ela, ouvi a história e pedi que ela me enviasse um áudio contando o episódio, situando nossa relação, e como as outras pessoas presentes reagiram ao acontecimento. A “prima”⁶ traz em sua narrativa várias pistas sócio-históricas, como o ano do acontecimento, sua localização como cuidadora, estudante do magistério e as marcas deste acontecimento em sua vida.

⁵ Composição de Vanessa da Mata, presente no álbum “Quando Deixamos Nossos Beijos Na Esquina” lançado em 2019.

⁶ No áudio foi expressa autorização para uso dos dados e informações para fins acadêmicos, usaremos os termos prima, primo, irmão, como forma de garantir o anonimato das pessoas. Áudio foi recebido via aplicativo WhatsApp, no dia 03 de junho de 2021 às 18:59. O áudio tem duração de 8:49”, e foi transcrito na íntegra.

O OCORRIDO: “COMO FOI QUE EU ENTREI?”

Em contexto de figuração ilustramos que o cenário era uma chácara interiorana do Estado de Mato Grosso, no qual familiares se reuniam, se confraternizavam e que selecionaremos a cena em que emerge o resgate da memória feito pela prima citada:

Ano de 1991, eu cuidava do meu primo, na qual nós tínhamos uma relação de primos. Ele bem pequeno ainda, com seus três ou quatro anos de idade. E eu fazia o primeiro ano do Ensino Médio, e fazia magistério. Então, nesse período, nós tínhamos muitas disciplinas, das quais uma era de psicologia. Em um dia a tarde no final de semana, esse primo sempre ficava comigo. Minha tia trabalhava, ficava o tempo todo fora e esse primo, quando eu não estava na escola, ficava o tempo todo comigo. Isso significava que ele ficava comigo muitos dias da semana, inclusive os finais de semana, pois eles iam para nossa casa, já que a gente morava numa chácara. Num final de semana, se não me falha a memória, não lembro agora, era um sábado ou um domingo, estávamos todos após o almoço na varanda da porta de casa conversando: minha mãe, minha tia, que é a mãe do meu primo o irmão dele, que era mais velho, e minha irmã. Estávamos na varanda conversando normalmente, e eu brincando com esse meu primo mais novo, a gente estava brincando como brincava sempre.⁷

Este era o cenário: uma tarde tranquila para uma família nuclear “emergente”⁸ após o almoço com todos juntos. Gostaríamos de sinalizar dois pontos importantes nesse trecho introdutório: o contexto da Educação, e o contexto da entrada da mulher no mercado de trabalho, que se intensificam nos anos de 1990 (VIEIRA, 1998; BRUSCHINI; LOMBARDI, 2011).

Em termos de Educação, a formação em magistério era organizada para formação de professoras e professores. Nessa época a relação entre Educação e Psicologia se fazia mais próximas, sendo a Psicologia um

⁷ Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

⁸ Não acredito que minha família faça parte da elite, apesar de termos certo suporte financeiro.

componente curricular fundamental na formação em magistério (VIEIRA, 1998). Em termos de trabalho, os avanços na Educação proporcionaram para uma parcela das mulheres, acesso a trabalhos formais (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2011) com melhor remuneração, porém com maior carga horária, exigindo delas a escolha entre o trabalho formal ou o trabalho doméstico e do cuidado da família.

A cena se desenrola:

Nesse dia eu estava contando histórias para ele, nós dois estávamos na varanda, eu contando histórias, brincando... De repente, do nada ele se levanta, olha para todo mundo... a mãe dele, minha mãe, o irmão, minha irmã. Olha para todo mundo, coloca a mão na cintura – nunca me esqueço da cena – muito pequenininho, coloca a mão na cintura, virou para mim e rindo falou assim:

“O prima, eu vou te fazer uma pergunta. Eu quero te fazer uma pergunta”

Aí eu falei: “ah é? Que pergunta? O quê que você quer saber? Pergunta que a prima te conta”. Ele virou para mim e falou assim:

“Saber como eu nasci, eu sei né!? Porque afinal de contas, o doutor O., que é amigo da minha mãe... Ele foi lá... a minha mãe foi no hospital, cortou a barriga da minha mãe assim oh: cortou bem grandão (ele fez o gesto, passando a mão na barriga assim, simulando como tinha sido o corte da barriga da mãe dele) e tirou pra fora assim “hummm”, e ele saiu”.

É... não... eu já fiquei “meu Deus o que vem por aí né?!” Não satisfeito com a pergunta (risadas), em me dizer isso, ele falou assim:

“Saber que eu morei na casa da minha mãe, na barriga da minha mãe, eu sei, porque tem fotos com minha mãe com aquele barrigão (e ele fazia o gesto do barrigão), é ... que eu fiquei lá dentro da barriga da minha mãe, morei lá, que era minha casinha, que minha mãe fala que era minha casinha, e... prima, me fala prima, como é que foi mesmo que eu entrei? Porque saber como eu nasci, eu sei: o doutor O. cortou a barriga, eu fiquei lá dentro da barriga, mas prima, como foi que eu entrei?!”⁹

⁹ Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

Este é o momento em que os dispositivos infância e sexualidade se encontram e questionam os limites entre crianças e adultos, entre conteúdos adequados ou impróprios para uma criança de três anos. É preciso resgatar alguns conceitos para compreendermos os processos desencadeados desse acontecimento (ZOURABICHVILI, 2004). A partir do conceito deleuziano de acontecimento, como um encontro ao acaso de devires, que em contato uns com os outros, de maneira rizomática, mediante os cortes entre as máquinas desejanças, produzem linhas de fuga, linhas de subjetivação e linhas de estratificação que agenciam a produção do desejo, e da própria realidade (ZOURABICHVILI, 2004). Na composição de um acontecimento, vários encontros se produzem, inclusive os inesperados, incontrolláveis, desestabilizadores, dissidentes, “estranhos” para referenciar o “anômalo”.

Todo acontecimento se efetua em determinado território, histórico, geográfico e afetivo, composto de inúmeras linhas que materializam a própria realidade. O território aqui assume um valor existencial. É ele que circunscreve, singularmente o campo de familiaridade e de distanciamento, sendo o primeiro uma constituição vinculante, e o segundo uma constituição que protege a estabilidade do território em relação ao caos. O limite territorial forma uma distribuição entre “dentro e fora, ora sendo um contorno intocável da experiência, ora sendo perseguido pelas linhas de fuga, portanto como uma zona de experiência” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 23).

Dentro do território, o encontro entre linhas de fuga e linhas de contorno intocáveis produz agenciamentos e processos de subjetivação. Todo encontro produz desejo. Essa produção do desejo se dá mediante o agenciamento de forças presentes no território. Nesse sentido, o território possui agenciamentos produzidos por linhas de fuga – são vetores que desorganizam ou desestabilizam o território, produzindo abertura para criação – por linhas duras – com ciclos binários e sedentários – e as linhas flexíveis – aquela que se encontra entre as outras linhas, com uma condição ambígua, fragmentada como limiares de redistribuição afetiva (ZOURABICHVILI, 2004).

O processo de perturbação do território causado por uma linha de fuga, provoca processos de desterritorialização, criando novas linhas e possibilidades de agenciamentos. Frente à instabilidade criada pelo encontro de diversas linhas, o território instável se torna um novo território, no qual novos enunciados e agenciamentos se produzem e efetivam novas formas de existência territorializando-se no próprio processo de desterritorialização (ZOURABICHVILI, 2004).

Tendo posto estes conceitos, convido Rosi Braidotti (2000), para pensar o exercício monádico da escrita poliglota¹⁰, a partir do resgate da memória de um acontecimento, representado na narrativa, assumindo a memória como elo entre o passado e o presente vivido (BOSI, 2003), a fins de acompanhar os processos e tecer análises a cerca dos agenciamentos produzidos no encontro em os dispositivos infância e sexualidade.

A INFÂNCIA COMO DISPOSITIVO: “EU QUERO TE FAZER UMA PERGUNTA”

A infância enquanto uma categoria social, emerge com o que Philippe Ariès (ARIÈS, 1981) denominou de “sentimento de infância”. Juntamente ao aparecimento da infância, enquanto um dispositivo¹¹, e aqui nos juntamos com Andrea Moruzzi (2017) ao entender a infância como um dispositivo e não como uma categoria social, a sexualidade também aparece como dispositivo regulador (FOUCAULT, 2006), da vida sexual do casal, no ambiente privado e com propósitos reprodutores, e na vida das crianças, como forma disciplinas, a fins de garantir sua “feitura” como adulto heterossexual e produtivo (PRECIADO, 2013).

Apesar dos efeitos regulatórios, na própria reiteração da norma, é possível acompanhar fissuras, cortes, desvios que contestam e comprovam a possibilidade de existência fora da heteronormatividade (BUTLER,

¹⁰ Um poliglota nômade, é segundo Braidotti (2000), aquele que transita entre as linguagens, buscando no devir traçar linhas que rompem as fronteiras, sem destruir as pontes que mantêm os territórios.

¹¹ Assume-se o conceito de dispositivo formulado pelo autor em entrevista: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1998, p. 244).

2000). Em contraponto, a infância é atravessada por outros dispositivos que visam produzir um adulto capaz de ser utilizado tanto quanto força reprodutiva, quanto força de trabalho, com função de manter o sistema capitalista mediante o agenciamento da sexopolítica para produção de adultos heterossexuais (BUTLER, 2000).

Na cadeia de inteligibilidade criada pela ciência, enquanto o adulto é posto como polo desejado a ser produzido, tendo como sujeito ideal, o Homem, racional, adulto, heterossexual, branco, cisgênero, burguês, natural, a criança torna-se automaticamente o polo binário oposto representando o irracional, o incompleto, o indeciso, o que não sabe, não diz, não sente, o “selvagem”, torna-se objeto do escrutínio científico e silenciado, é esmiuçado (ANDRADE, 2020b).

Nesse sentido, problematizar a infância enquanto um dispositivo, que surge alinhado ao dispositivo da sexualidade, é compreender a infância enquanto um lugar epistêmico genuíno, que se produz sempre no encontro de resistência com a figura autoritária do adulto, que ao borrar os limites entre o permitido e o interdito, produz o novo (ANDRADE, 2020b). O acontecimento narrado pela prima entrevistada evidencia muitas coisas sobre a infância que nos serve de base para análise e problematizações na tentativa de perceber na infância o potencial criativo, resistente e desafiador, capaz de produzir saberes novos sobre a vida.

Na cena cotidiana narrada, vemos uma família “normal” dos anos 1990, relaxando após o famoso almoço de domingo. De repente, a criança em sua espontaneidade cria uma espécie de ruído na cena: existe a necessidade de perguntar, o desejo se expande e faz fugir (ZOURABICHVILI, 2004). A curiosidade atravessa a brincadeira, e no encontro entre infância e sexualidade, faz fugir o estado estratificado desse território. Há uma agencia: a criança para, observa “todo mundo”, escolhe a quem perguntar. Quando pergunta, expressa argumentos que sustentam seu questionamento. Ela diz “eu sei como eu nasci”. Essa afirmação é acompanhada do “gesto ilustrativo” de “cortar a barriga”. Afirma saber até quem a “tirara” de lá.

Já foi inusitado que a criança demonstrasse tanto conhecimento sobre “questões de sexualidade”, que ao aprofundar o questionamento, aguçada pela curiosidade, o primeiro efeito é a desterritorialização (ZOURABICHVILI, 2004) dos envolvidos no acontecimento:

Meu Deus, eu pensei... E agora???? A minha tia ficou muda. A minha mãe sem reação. A minha irmã teve uma crise de riso, o outro irmão não estava entendendo nada por que ele era uma criança também. Eu respirei fundo, e pensei: e agora? O que eu vou explicar para ele, de uma forma que ele entenda, de uma forma lúdica, de uma forma que eu o satisfaça com minha resposta...¹²

Entre afetos e efeitos, o inesperado moveu a prima – afinal de contas a pergunta foi direcionada a ela. Frente ao acontecimento, após o “susto”, ela se preocupou em formular uma resposta honesta, sem fantasiar, contudo, de um jeito que não aguçasse a curiosidade além do necessário para satisfazer a pergunta da criança. A prima entrevistada complementa:

(...) me lembrei que eu tinha feito um trabalho na época, até um trabalho de Psicologia, na disciplina de Psicologia, no qual eu tive que ler muitos artigos, e muitos artigos, eu li muitos artigos, que tratavam de como falar de sexualidade com as crianças sem fantasiar, sem dizer aquilo que não era verdade, mas sem provocar nela insatisfação numa resposta, sem estigar a curiosidade para aquilo que ela não estava perguntando. (...) Então, eu não me lembrava muito bem como era, mas aí eu fui e expliquei pra ele, que o papai e a mamãe, eles se amavam muito, eles tinham sido namorados, né?! Eles se casaram... Então, o relacionamento do papai e da mamãe, de marido e mulher, como um casal, eles namoravam, então a noite o papai beijou a mamãe, e desse beijo, desse carinho, desse afeto, dessa coisa bonita que era o amor, que era gostar, que era abraçar, que era beijar, é... o papai tinha colocado na mamãe (eu não falei sementinha), mas eu falei que foi um... foi do papai que veio... é (não, eu usei o termo sementinha mesmo), do papai que veio, né, que colocou na barriga da mamãe, e aí ele ficou na barriga da mamãe, ele cresceu, ficou lá até ele ficar pronto nascer... enfim.¹³

¹² Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

¹³ Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

Mediante o tratamento recebido, a criança se deu por satisfeita: já sabia como tinha entrado, e como tinha saído da barriga da sua mãe. Esse tipo de diálogo deveria ser mais comum do que temos percebido. Ao que parece, a formação oferecida pelo currículo do magistério facilitou a postura comprometida com a infância por parte da prima envolvida.

A relação que se estabelece entre adultos e crianças, geralmente é atravessada por uma perspectiva adultocêntrica (ANDRADE, 2020b; MORUZZI, 2017), que estabelece de antemão a incapacidade da criança de compreender o conteúdo que é fonte de sua curiosidade. Nesse sentido, geralmente o que existe é uma subordinação da infância frente ao conhecimento, já que o último é um status que existe e legitima a soberania do adulto racional (ROSEMBERG, 1996).

Essa predisposição de um adulto em estabelecer uma relação horizontal com uma criança, é um movimento que escapa das normas estratificadas, as quais delimitam a infância como o lugar do não saber, do não ser, do não capaz. Oportunizar espaços de diálogos como este trazido na cena é uma nova postura que permite novas problematização na relação entre ciência, adulez e infância (ANDRADE, 2020b).

Ao validar o questionamento – “Aí eu falei: “ah é? Que pergunta? O quê que você quer saber? Pergunta que a prima te conta” – ela está assumindo a criança em sua condição de sujeito, que deseja conhecer, que tem saberes sobre as coisas, e que pode compreender o conteúdo que dá origem a sua curiosidade. Essa postura é uma agencia que visa conferir às crianças os direitos de desejar, de conhecer, de participar do território que se localiza, e compor linhas de subjetivação conjuntas. Validar a dúvida das crianças, é assumir a infância enquanto um lugar epistêmico, um lugar de saberes, de desejo, de agência e de direitos.

EFEITOS, AFETOS E SUBJETIVAÇÕES: “MINHA NOSSA SENHORA, AINDA BEM QUE PERGUNTOU PRA VOCÊ”

Quando uma criança pode falar? Geralmente as crianças são ouvidas apenas quando aparentam perturbar a ordem. Muito se fala em pesquisas

com crianças sobre “dar voz” às crianças. Soa como estranho esse objetivo. Parece que as crianças não falam. Isto questiona que faz mais sentido “dar ouvido” às crianças. Elas precisam ser ouvidas. Contudo, como nos alerta Rita Marchi (2011), nas sociedades ocidentais, dominadas pelo pensamento moderno masculinista, as crianças são construídas como imagens problemáticas, como um ser monstruoso e profano ameaçador, que pode produzir o colapso do mundo social.

Pelo ser caráter inusitado, inesperado, ou até mesmo inimaginável, quando a infância e a sexualidade se encontram num território, as crianças assumem uma condição perigosa. Aquelas que são consideradas indefesas e inocentes se tornam o perigo do distúrbio, o escape que necessita ser controlado. Essas práticas subjetivam as crianças com a intenção de manter vigente o regime capitalista que atua mediante a sexopolítica na feitura dos corpos heterossexuais reprodutores e produtivos.

A desterritorialização produzida pelo encontro entre infância e sexualidade produz efeitos e afetos múltiplos, complexos e singulares. Contudo, com a sedimentarização de agenciamentos a partir das linhas duras, o choque frente a agência do sujeito criança cria a princípio o medo, estranheza, e neste sentido a prima completa:

Por ser já há quase trinta anos, eu me perco um pouco na história, mas foi nesse sentido que expliquei pra ele. E aí... ele olhou pra mim, colocou a mão na cintura, e disse: - Ah, foi assim!?! - Eu disse: é foi assim. - AH, então tá. Ele se deu por satisfeito, não me perguntou mais, continuou brincando, mas os adultos, minha mãe e minha tia, ficaram tremendo... “Meu deus, que bom que não perguntou pra mim” Minha mãe: “minha Nossa Senhora, ainda bem que perguntou pra você.” E eu ainda brinquei: “pois é né?! Todo mundo aqui e ele me achou pra poder fazer essa pergunta”.¹⁴

É interessante perceber que para a criança, bastou que uma resposta honesta fosse dada para que ela se desse por satisfeita. Voltou a brincar evidenciando que por hora o desejo de saber mais estava saciado. Entretanto,

¹⁴ Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

produzir esse estado de satisfação, agenciou nos adultos presentes na cena diversos afetos e efeitos que podem ser reveladores.

Qual é a condição de uma criança curiosa acerca da sexualidade que causa tamanho medo nas pessoas “adultas”? É atraente como uma criança tem a potência de desestabilizar o território dos adultos. A criança construída socialmente no ocidente é representada pela inocência, pela pureza, pela necessidade de proteção e tutela dos adultos (ARIÈS, 1981). Como esses seres indefesos representam tamanho perigo ao questionarem sobre a sexualidade?

Preciado (2013) assume a criança, e seu corpo, como um artefato biopolítico. Neste sentido, a criança assume uma qualidade de “matéria prima” para manutenção do sistema capitalista, a partir do agenciamento compulsório da heteronormatividade, a “polícia de gênero vigia o berço dos seres que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma ronda os corpos meigos”. Sendo a criança um artefato biopolítico, a agência da heteronormatividade, em seu movimento de reiteração, permite a emergência da agência da criança, quando esta questiona as fronteiras categóricas que separam em polos binários infância e adultez. Quando um corpo infantil rompe com a ideia de inocência original, e assim revela a multiplicidade que constitui uma criança, “o risco de uma garantia do adulto normal” (SALGADO; SOUZA, 2018) desestabiliza o território abrindo linhas de fuga e de subjetivação que fogem ao modelo rígido e estratificado do que se produz como o ideal de sujeito criança, dócil, manipulável e ingênuo, incapaz de saber e de desejar.

Seguindo esse fio, proponho um olhar atento à cena, em sua composição: não é relatado a presença de homens no acontecimento. Esse fato pode revelar o quanto o trabalho do cuidado e da família são lugares postos como naturalmente feminino (ANDRADE, 2020a), cria-se assim uma imagem inatista do cuidado. Mediante o discurso médico, institui-se que o cuidado da “prole” é “naturalmente” uma constituição psicologia da mulher que se assume como mãe (CASTRO, 2013).

No acontecimento entretanto, a figura escolhida como interlocutor não foi a mãe. Apesar da criança demonstrar certa intimidade com sua

mãe, ao relatar o que já sabia sobre seu nascimento, quem é eleita como interlocutora é a prima adolescente, que como já relatado cuidava dela a maior parte do tempo, devido à carga horária de trabalho de sua mãe.

Em muitos casos, a saída da mulher da função doméstica e materna é substituída por babás, uma herança do colonialismo (SEGATO, 2006). Com o processo higienista, as mulheres escravizadas perderam a função de “amas de leite”, como forma de prevenção de doenças e degenerações (ANDRADE, 2020a; SEGATO, 2006). A medicina produz o incentivo para a amamentação feita pela mãe biológica, sendo as babás as figuras que passaram a cuidar sem amamentar. Essa mudança produziu novas formas de vínculos afetivos entre mulheres e crianças¹⁵, para além do que é tido como hegemonicamente natural, que se baseia puramente no vínculo biológico.¹⁶ Essas novas conexões permitem com que as crianças criem rupturas nos processos sedentários de subjetivação hegemônicos, como no acontecimento analisado neste texto.

Neste caso específico, os cuidados ficaram com essa prima. De qualquer forma, a relação afetiva com outras figuras “maiores em idade” (que numa lógica desenvolvimentista estão num estágio superior enquanto a criança está no estágio inferior) (ANDRADE, 2020b), além da figura materna encarnada na mãe biológica, é construída de maneira diferente, o que pode ser parte do que agencia os encontros inesperados provocando devires outros.

Acreditamos que pelo fato da relação entre a criança e a prima babá se configurar como uma relação de cuidado e afeto contínuo, a escolha dela como interlocutora passa por uma segurança afetiva, construída na confiança. Isso pode ser percebido pelo alívio que os adultos têm quando a criança se dá por satisfeita. A criança tem poder de congelar, emudecer, estremecer os adultos. É essa potência que é sistematicamente vigiada,

¹⁵ Destaco mulheres, pois como pode se perceber na história trazida, nenhum homem se fazia presente, o que corrobora a tese do cuidado como algo inato das mulheres.

¹⁶ Acredito ser necessário ponderar que não faço a defesa da precariedade do trabalho de babás e cuidadoras. O que destaco é a agência dessas novas configurações. A precariedade do trabalho de “cuidar” não tem justificativa. Isso não implica em dizer que o trabalho do cuidado exercido por outras pessoas que não seja a mãe biológica proporcionou novas formas de vinculações afetivas.

controlada disciplinada, que não pode ser vista, percebida e legitimada (PRECIADO, 2011; SALGADO; SOUZA 2018).

Ainda nesse trecho, outro fio que nos interessa puxar e problematizar é a ideia hegemônica de que falar com crianças sobre sexualidade “instiga a curiosidade”, que “antecipa etapas”, ou que “sexualiza a criança”. No acontecimento, ela estava brincando quando a imanência do desejo de saber desestabiliza o território. Ao ter sua curiosidade e vontade de saber satisfeita, ela retorna a brincadeira, e continua no “território sedentário”.

A postura de receber a dúvida, e responder de maneira genuína, demonstra o quanto essas teses supracitadas são caducas – tendo em vista que o acontecimento foi nos anos 90 do século passado – e a necessidade de legitimar a infância como um local epistêmico potente. Essa postura também anuncia a possibilidade de outras configurações das relações entre crianças e adultos: a de conferir o direito ao corpo infantil de falar e usar seu corpo livremente, produzindo e agenciando os territórios que se localiza (ANDRADE, 2020b; PRECIADO, 2013).

A CRIANÇA NA BORDA E OS ECOS SUBJETIVOS PRODUZIDOS PELA VIAGEM ATRAVÉS DA MEMÓRIA

A maneira que a ciência moderna se institui, centraliza o saber e poder, na figura ideal do Homem, adulto, branco, racional, heterossexual, cisgênero e burguês (ANDRADE, 2020b). Nesta perspectiva o mundo pode ser observado, descoberto, medido, qualificado, interpretado, a partir da neutralidade racional e do distanciamento frente ao objeto de estudo (ANDRADE, 2020b). Todavia, somente a figura central deste sistema tem poder para nomear e instituir o que é ou não a verdade, em termos universais, absolutos e reprodutíveis (HARAWAY, 1995; ANDRADE, 2020b; BRAIDOTTI, 2000).

As crianças neste sistema, que opera de maneira hegemônica na atualidade transcontemporânea, não são sujeitos. Operam pela ausência de características necessárias para falar, para saber, para participar (ANDRADE, 2020b). Criam-se mecanismos de controle e manutenção

da ordem heteropatriarcal, tomando a criança como a garantia dos “adultos normais” (PRECIADO, 2013). Em defesa do sistema capitalista heterossexual, as crianças são privadas de qualquer direito, sendo relegadas à marginalidade do sistema social, e da produção de saberes.

Faz-se oportuno no momento, nos atentarmos aos efeitos produzidos pelo encontro dos dispositivos infância e sexualidade. Enquanto um dispositivo, a infância pode transbordar os limites e fronteiras, postas como natural a partir do paradigma moderno de ciência. Mediante o encontro com o dispositivo sexualidade, o trânsito entre os territórios da infância e adultez, permite que as crianças adentrem em territórios proibidos do mundo adulto, como a sexualidade. Ao interrogar a adultez acerca da sexualidade, a infância produz efeitos e agenciamentos que anuncia novas possibilidades de subjetivação.

Em um capítulo de livro, Adriana Sales, Herbert Lopes e Wiliam Peres (2016), propõem uma perspectiva interessante acerca da marginalidade, da borda, da precariedade constituída para os corpos fora do centro de inteligibilidade, como uma forma de resistência, e uma maneira de disputar seu direito a uma existência real e importante. A partir dos pressupostos de Butler sobre o agenciamento da heteronormatividade compulsória e as formas de agenciamentos da produção da diferença, Sales, Lopes e Peres (2016), destacam que essa produção da diferença, em seu próprio agenciamento, possibilita a subalternidade uma agência desde a marginalidade, como uma forma de figuração política¹⁷, enquanto uma possibilidade de escape aos velhos esquemas de pensamentos.

Pensar a borda como o território dos dissidentes da norma de diferença sexual, dos subalternos, dos “estranhos” (PERES, 2013), dos loucos, me parece pensar também a borda como território da infância, quando ela se encontra com a sexualidade. Acredito que essa aproximação se faz oportuna para sustentarmos a legitimidade epistêmica dos agenciamentos produzido pelos corpos das crianças nos processos de desterritorialização e ruptura com modelos modernos de ciência. Relembrar esse acontecimento,

¹⁷ Conforme propõe Braidotti (2000, p. 26) “O termo figuração se refere a um estilo de pensamento que evoca ou expressa saídas alternativas à visão falocêntrica do sujeito. Uma figuração é uma versão com suporte político de uma subjetividade alternativa”.

mediante o resgate da memória, atualizando-o no encontro presente entre a criança que protagonizou a cena junto a sua prima, produz uma série de questionamentos, que acreditamos ser oportuno para a discussão.

Levando em consideração o contexto do acontecimento, pensar o que possibilitou um encontro potente, nos permite problematizar o presente. Como, nos anos de 1990, uma criança de três anos encontra território para borrar as fronteiras entre infância e adultez? No contexto atual, seria possível uma criança protagonizar um acontecimento como este narrado?

Um primeiro fio que gostaríamos de puxar é o contexto educacional da época. Os anos 90 do século XX, foram marcados pela grande produção de conhecimento sobre sexualidade. A Psicologia e a Sexologia se instituem como detentores dos saberes sobre a sexualidade, e os currículos de formação em magistério se estruturam com a preocupação com a educação sexual, tendo em vista a ideia de prevenção de desvios e degenerações que uma educação sexual “errada” poderia produzir (ANDRADE, 2020a).

Apostamos na ideia de que os dispositivos e o desejo são autopoietico. Sempre seguem o fluxo necessário para produção da vida. Nesse sentido, apesar do contexto higienista, racista, homofóbico e sexista que operava nos anos de 1990 no Brasil inclusive nos currículos e na proposta de educação sexual (ANDRADE, 2020a), a presença da discussão sobre sexualidade e educação sexual aparece nesse acontecimento como uma sustentação para uma postura ética com a curiosidade expressa na pergunta feita pela criança, demonstrando a possibilidade de compreender as agências das crianças numa relação horizontal com os adultos. Apesar de existir “lapsos, e esquecimentos”¹⁸, esse acontecimento provoca efeitos que ecoam nas subjetividades, tanto da criança, quanto de sua prima. Após narrar a cena e os efeitos do acontecimento a prima encerra o áudio contando um pouco o que esse evento lhe significou.

¹⁸ Bosi (2003) acredita que os lapsos e esquecimentos são o que conferem às memórias o caráter de autenticidade do que se narra.

Então assim, a gente precisa trabalhar a sexualidade com as crianças, a gente precisa tratar de uma forma bonita, e que a gente satisfaça as crianças com a sua curiosidade, dando respostas que satisfaçam a elas, a curiosidade delas naquele momento. É lógico que quando a conversa, que a criança vai crescendo e a curiosidade vai aumentando, a gente vai abordando o assunto de uma forma diferenciada, mas naquele momento foi assim. Eu era uma adolescente, que fazia o primeiro ano do Ensino Médio do Magistério, e a disciplina de Psicologia me ajudou muito, a lidar não só com essa situação, mas com outras também que vieram surgindo. Mas com meu primo, essa foi uma delas, mas com o ele, essa história me marcou muito. Eu nunca me esqueci das caras e bocas dele, das poses, dos gestos, e da forma como ele se deu por satisfeito quando eu respondi a ele o que ele estava me perguntando de uma forma tranquila, sem deixar: “olha é um bicho de sete cabeças né?!” ou “foi um avião, uma cegonha que te trouxe”. É isso.¹⁹

Como já relatado na cena, trazida como material de análise, acontecida há trinta anos, a prima, apesar do tempo e de alguns esquecimentos, traz em sua narrativa alguns pontos pertinentes para serem abordados.

Um primeiro ponto é a necessidade de uma educação sexual efetiva e diversa. Apesar dos adjetivos um tanto quanto poéticos, o que pode ser uma maneira de romantizar a infância, quando a prima diz: “a gente precisa trabalhar a sexualidade com as crianças” e segue apontando a necessidade de tratar do assunto com naturalidade, dando respostas “que a gente satisfaça as crianças com a sua curiosidade”, “que satisfaçam a elas, a curiosidade delas naquele momento”. Este ponto é importante: saber o limite da curiosidade da criança.

Vivemos no Brasil atual um cenário ultraconservador. Em meio ao terror produzido pelos defensores da família tradicional heteropatriarcal (PRECIADO, 2013), surge um movimento que tenta apagar a dimensão da sexualidade enquanto direito das crianças, pautando-se nos argumentos de “antecipação de etapas”, “adultização das crianças”, “sexualização precoce”, para barrar o acesso das crianças ao direito de usar seus corpos,

¹⁹ Prima entrevistada, 03 de junho de 2021.

desejos e saberes. Essa cena trazida como base de análise, ilustra bem o quanto esses argumentos são frágeis.

Na cena, fica evidente a condição de uma criança de formular uma pergunta, e demonstrar satisfação com uma resposta genuína que não a coloca no lugar de “incapaz”, “irracional”. Ao se considerar a condição desejante das crianças, e assim produzir na relação uma postura ética e responsável, ao sanar sua curiosidade, a criança retorna a sua atividade naturalmente.

Na fala da prima cuidadora é possível perceber que a noção desenvolvimentista que ainda se baseia em etapas, que progressivamente vão se complexificando compõe fortemente os processos de subjetivação. “É lógico que quando a conversa, que a criança vai crescendo e a curiosidade vai aumentando, a gente vai abordando o assunto de uma forma diferenciada...”. Todavia, ela traz em sua fala uma preocupação plausível, a de não antecipar conteúdos que não são requeridos pelas crianças, ponto este que acreditamos ser válido, não por uma questão etária ou etapista, mas por uma questão ética de compreender que a criança pode formular questionamentos com os quais está preparada para lidar.

Um outro ponto interessante é a importância de uma educação que leve em consideração a sexualidade em sua dimensão complexa, que precisa ser abordada de maneira ética, sensível, e comprometida com a infância, sem fantasiar, apenas respondendo a demanda solicitada.

A importância que a prima atribuí a Psicologia, no trato de questões da sexualidade, nos permite pensar o papel da Psicologia atualmente, no que se refere a formação de profissionais da educação. Levando em consideração o peso que a Psicologia do desenvolvimento humano tem nos processos de formação de professores, problematizar a visão desenvolvimentista clássica, para que escape dos conceitos universalizantes e binarizadas, assim como, das limitações moralistas, é oportunizar terreno fértil para novas figurações.

No contexto de formação superior, existe um paradoxo quando se pensa na Psicologia do desenvolvimento e na sexualidade. Ao mesmo tempo que existe uma ausência nos documentos normativos curriculares, a sexualidade infantil transborda a normativa, quando o cotidiano dos

futuros educadores e educadoras são atravessados pela manifestação da sexualidade infantil, aparecendo no cotidiano acadêmico como dúvidas acerca de “como lidar com isso” (ANDRADE, 2020b).

Neste sentido, pensar a infância em encontro com a sexualidade, como um território fértil para novas formas de pensar e construir saberes, se demonstra oportuna e potente, ao proporcionar processos contínuos de desterritorialização, agenciando novas formas de subjetivação.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não apostamos na ideia de um texto finalizado. Parece pretensão dizer: conclusões. Nesse sentido, preferimos a ideia de tecer considerações e problematizações, a fins de oportunizar ao leitor o direito de contestar, questionar e criticar, como exercício polifônico, que o encontro ente locutor/locutora e interlocutor/interlocutora proporciona, borrando o processo de autoria, evidenciando as várias vozes presente no discurso (ANDRADE, 2020b).

O desejo manifestado neste texto é o de assumirmos um compromisso ético, político e estético com a infância, a fins de emancipação epistêmica e ontológica (ANDRADE, 2020b). Nesse sentido, assumir a infância como potência epistêmica pode se configurar como uma saída para as velhas formas caducas de produzir conhecimento (PERES, 2013). Trazemos aqui, de maneira autobiográfica, mas também coletiva, uma ficção (BRAIDOTTI, 2000), uma narrativa, a memória revivida (BOSI, 2003), que evidencia e deixa ver processos muitas vezes invisibilizados pela maneira hegemônica de construir saberes.

Acreditamos também, que este trabalho pode contribuir na construção de saberes implicados politicamente (ANDRADE, 2020b), e que recusem os velhos pressupostos e se impliquem na construção de epistemes críticas, ética e políticas que se preocupem com a produção da vida como valor maior. Através do exercício desde um pensamento nômade (BRAIDOTTI, 2000), a possibilidade de construir novos possíveis, se põe como imperativo para uma Psicologia que deseja a pensar a infância e a

sexualidade infantil de maneira emancipatória na garantia de direitos e que possa compreender as crianças como seres desejantes.

Por último, gostaríamos de compartilhar alguns questionamentos: Poderia a Psicologia do século XXI praticar a emancipação dos sujeitos crianças? O modelo de produção de saberes, mesmos os críticos, decoloniais, feministas, transfeministas, *queer*, podem considerar a infância como categoria epistêmica? O que pode esses saberes fazer para que a sexualidade infantil não seja alvo de violências, interdições e disciplinas?

Com anseio, convidamos todas as pessoas desejantes de emancipar as crianças da disciplina regulatória, que se impliquem a encontrar na infância uma saída possível para a crise ética e política que vivemos a participar desse debate. Temos como pretensão que este trabalho frutifique novas dúvidas, novos desejos e diálogos. Que não se acabe nessas linhas essa discussão tão fértil e potente que se põe como imperativo para os tempos atuais.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, H. H. P. A Educação Sexual no Brasil: controle sexual, (Re)produção de violências, desafios e utopias. In: GONÇALVES, M. C. S.; JESUS, B. G. (org.). *Educação Contemporânea: sociedade e educação: educação inclusiva*. Belo Horizonte: Poisson, 2020a. v. 07. cap. 9.
- ANDRADE, H. H. P. *Psicologia e a crítica feminista: do percurso teórico-metodológico à prática*. Curitiba: Appris, 2020b.
- ANZALDÚA, G. *et al.* Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.
- ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: rumbo a una nova consciéncia. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13, p. 704-719, 2005.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos pagu*, Campinas, p. 329-376, 2006.

- BRAH, A.; COOMBES, A. *Hybridity and its discontents: Politics, science, culture*. Abingdon: Routledge, 2000.
- BRAIDOTTI, R. *Sujetos Nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Trabalhadoras brasileiras dos anos 90: mais numerosas, mais velhas e mais instruídas. *Mulher e trabalho*, Porto Alegre, v. 2, 2011.
- BURMAN, E. *Deconstructing developmental psychology*. Abingdon: Routledge, 2016.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.
- CASTELLANOS, R. *Sobre cultura femenina*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2013.
- CASTELLANOS, R. *Oficio de tinieblas*. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2018.
- CASTRO, L. R. Apresentação. *O futuro da infância e outros escritos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 17. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006. v. 1.
- FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 243-276.
- HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALBWACHS, M. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
- MARCHI, R. C. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 37, p. 387-406, dez. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332011000200016>.
- MORUZZI, A. B. Infância como dispositivo: uma abordagem foucaultiana. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 22, n. 2, p. 279-299, maio/ago. 2017.
- PERES, W. S. Psicologia e Políticas *Queer*. In: PERES, W. S.; RONDINI, C. A.; SOUZA, L. L. *Queering: problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. Cuiabá: EdUFMT, 2013. p. 75-88.
- PRECIADO, P. B. Multidões queer. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v.19, n.1, jan./abr. 2011.

PRECIADO, P. B. Quem defende a criança queer? *Jangada-crítica, literatura, artes*, Viçosa, p. 96-99, 2013.

ROSEMBERG, F. Teorias de gênero e subordinação de idade: um ensaio. *Pro-posições*, Campinas, v. 7, n. 3, p. 17-23, 1996.

SALES, A.; LOPES, H. P.; PERES, W. S. Expressões travestis: da precariedade aos gêneros nômades. In: RODRIGUES, A.; MONZELI, G.; FERREIRA, S. R. S. (org.). *A política no corpo: gêneros e sexualidade em disputa*. Vitória: EDUFES, 2016. p. 47-64.

SALGADO, R. G.; SOUZA, L. L. Gêneros, sexualidades e infâncias: cenas de crianças na contramão da inocência. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 29, p. 241-258, 2018. DOI: 10.12957/childphilo.2018.30540.

SEGATO, R. L. *O Édipo brasileiro: a dupla negação de gênero e raça*. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

VIEIRA, S. L. Estado e política de formação de magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 103, p. 53-67, 1998.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro, 2004. Digitalização e disponibilização da versão eletrônica: Centro Interdisciplinar de Estudos em novas Tecnologias e Informação – IFCH / UNICAMP.